



Fora das capas de revistas

Adolescentes negras não se reconhecem nas publicações femininas

“Quem tem os lábios grossos e quer disfarçá-los deve optar pelos tons-de-boca. Evite as cores fortes, como o vermelho e o rosa-claro, que fazem com que pareçam maiores”. Essa dica de maquiagem foi publicada na revista *Atrevida*, destinada ao público adolescente, mas pode ser facilmente encontrada em outras publicações do gênero. Mas como essa informação é processada por uma adolescente negra, cujos lábios são naturalmente volumosos?

Uma breve navegação nos sites de revistas teens como *Capricho* e *Atrevida* é possível perceber que a maioria das moças que figura nas capas dessas publicações são modelos de pele branca. A maior parte das dicas de moda, cabelo e maquiagem também privilegia as mulheres brancas, sendo significativa a ausência de mulheres negras e de pautas que despertem algum tipo de consciência racial.

Enquanto as jovens de pele clara aparecem em diversas situações, as ado-

lescentes negras surgem dentro de um contexto exótico. Alguém diferente que de vez em quando é lembrado. A constatação é da professora Carolina Santos de Oliveira, historiadora e mestre em educação, que publicou um livro a partir de sua dissertação de mestrado, de 2009, *Adolescentes negras no discurso da Revista Atrevida*. A obra discute a ausência e a qualidade da presença da mulher negra nas revistas femininas.

Para Carolina, as revistas apresentam cuidados que descaracterizam a negritude, além de apresentar o que consideram ser o ideal de beleza e como modificar-se para ficar mais bonita. “O cabelo crespo pode sim ter balanço e a solução para isso é apresentada por um especialista. É importante frisar que a manipulação do cabelo e do corpo sempre existiu, o que ocorre nas revistas femininas é que as dicas aparentemente inofensivas acabam reproduzindo as relações de preconceito racial existentes”, avalia. Segundo ela, a mensagem final

é que esse ideal de beleza nunca vai ser atingido, gerando sentimento de culpa e frustração nas meninas.

A pesquisadora entende que as constantes dicas de afinação dos lábios e nariz podem ser vistas como uma representação do racismo. “As concepções biológicas emergem no discurso do periódico. Insinua-se que as características inscritas num corpo negro são consideradas inadequadas, revelando uma ideia de hierarquia racial”, descreve. Ela trabalha com o conceito de “Branquitude normativa”, ou seja, a ideia do homem branco como representação da espécie. “Nem é a mulher, é o homem branco como norma”, enfatiza Carolina.

Na dissertação, Carolina cita a professora da UFMG e sua orientadora, Nilma Lino Gomes, que entende a formação da identidade negra como uma construção social, histórica, cultural e plural e acredita que construir uma identidade negra positiva na sociedade brasileira, que ensina os negros que para ser aceito é preciso negar-se, é um desafio para todos os brasileiros.

O estudo conclui que o “padrão hegemônico da adolescente branca de classe média e moradora de espaços urbanos é socializado, divulgado e reforçado entre as leitoras, pois a mídia cria um sistema de conhecimento que as pessoas passam a almejar em sua casa e em seu convívio”. Em um dos trechos, a autora questiona: “ora, se sabemos que o discurso também produz subjetividades, podemos indagar qual é a repercussão da *Atrevida* no campo de percepção das leitoras e que imagens da diversidade étnico-racial ela tem ajudado a veicular. São ideologias que reforçam não somente aspectos econômicos, geográficos e culturais, mas também raciais, de gênero e juvenis. Dessa forma, a revista exerce papel pedagógico e ideológico, já que tem como intenção formar opinião e, por conseguinte, sujeitos-leitores”.



Carolina Santos discute em sua dissertação de mestrado o preconceito contra as mulheres negras

Sem identidade

O fato é que as adolescentes negras não se reconhecem na mídia, seja pela ausência de modelos com as mesmas características físicas delas ou pela ausência de pautas que abordem as suas diferenças sem desqualificá-las perante o ideal de beleza construído pela sociedade. Amanda Teixeira, uma garota negra paulista, de 16 anos, tem o hábito de visitar sites de revistas femininas, entre elas a *Capricho*. De vez em quando, deixa o seu comentário ou crítica sobre a falta de matérias específicas sobre beleza negra. “Não me identifico com a revista e não sigo suas dicas e sugestões. Procurei por diversas vezes alguma matéria que tratasse da beleza negra, porém, não encontrei”, afirma.

Segundo ela, a maioria das sugestões está voltada para a moda “europeia” e passam a imagem e influência de que o ideal de beleza da mulher está rela-

O ideal de beleza nunca vai ser atingido, gerando sentimento de culpa e frustração nas meninas



cionado ao padrão imposto pela sociedade, ou seja, todas precisam ser magras, brancas e terem cabelo liso, assim como as modelos das revistas. “Conheço crianças e adolescentes que desejam seguir os estereótipos que a mídia impõe, penso que isso é errado, pois muitas meninas tentam tornar-se o que não são. Elas negam a sua própria na-

tureza, deixando explícito que vivemos em uma sociedade em que as pessoas importam-se excessivamente com a aparência, esquecendo-se da ética e do caráter”, critica. Amanda conta que aos 8 anos de idade pediu à mãe que alisasse seu cabelo. “Fiz isso influenciada por outras crianças, pois não gostavam do meu cabelo e achavam-me feia por ter o cabelo diferente”, afirma.

A estudante mineira, Núbia Kathyryne Soares da Silva, 14 anos, negra, diz que também não se reconhece na maioria das revistas que costuma ler. “Às vezes, leio uma frase ou história de alguém que me remete a algo que me aconteceu, mas é muito raro. Geralmente compro aquela que tenha uma matéria sobre o meu ídolo (Neymar) ou de outros famosos que gosto na capa”, conta.

Núbia diz que nunca utilizou dicas das revistas. “Percebo que, geralmente, não há dicas específicas de cuidados com a pele negra. Às vezes, falam sobre “como domar os cachos” ou um “corte para cabelo afro”, explica. A jovem tem a percepção de que as pessoas se vêem obrigadas a atingir padrões impostos pela mídia: “cabelo liso, pele hidratada e cheirosa por 24 horas e corpo escultural sempre”. “Qualquer um sabe que é difícil, ou até mesmo impossível alcançar esse ideal, porém as pessoas parecem estar condenadas a cederem a esse padrão e vivem uma busca interminável por ele. Eu mesma já alisei os cabelos umas três vezes porque acho difícil cuidar dos cabelos cacheados como os da minha mãe, que são bonitos. Ela já não abre mão dos mesmos de jeito nenhum”, opina.

A professora e pedagoga, Beatriz Coelho Soares da Silva, mãe da adolescente, confessa que nunca havia atentado para o fato dos conteúdos das revistas não fazerem referência aos negros. “Ao menos nunca li as revistas com esse olhar, porém sempre orientei minha filha a não se deixar levar por

esta ilusão estampada nas revistas de que o sucesso vem com facilidade. Sempre exponho pra ela nossa realidade. Sempre exponho pra ela nossa realidade, nossa história, falo dos preconceitos que já sofri na infância e digo que temos sempre que batalhar para conquistarmos nosso espaço, não deixando ninguém nos desrespeitar ou nos julgar pela cor da pele ou por ter cabelo crespo ou liso ou alisado. Sonho para que chegue o dia em que o negro não apareça na mídia apenas para cumprir a “cota racial”, ensina.

Discriminação racial e de gênero

Esse tipo de discriminação que afeta as meninas negras foi abordado na pesquisa de conclusão do Curso de Especialização Relações Raciais e Educação na Sociedade Brasileira, ofertado pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Relações Raciais e Educação – NEPRE, da Universidade Federal de Mato Grosso, financiado pela SECAD/MEC - Pro-

grama UNIAFRO, sobre a evolução do papel da mulher negra na sociedade brasileira, a discriminação racial e de gênero e análise de entrevistas feitas com jovens adolescentes negras vítimas de discriminação racial e de gênero no espaço da escola.

A pesquisa *Discriminação racial e de gênero: desafios de jovens adolescentes negras no espaço escolar*, de Nilvaci Leite de Magalhães Moreira, disponível na internet (www.ie.ufmt.br), foi realizada em 2011. O trabalho teve por objetivo analisar como as relações interpessoais de jovens adolescentes negras são influenciadas pelo imaginário social e saber se a discriminação racial e de gênero existentes no espaço escolar marcam negativamente suas vidas. Constatou-se neste estudo que as jovens adolescentes negras já trazem consigo as marcas do sofrimento baseadas na discriminação racial e de gênero. A partir dessa pesquisa foi possível en-



Cecília Alvim

A pedagoga Beatriz orienta a filha Núbia a valorizar sua beleza, para além do padrão imposto pelas revistas

xergar o efeito das experiências dessas jovens quando atingidas por atitudes negativas e que estão fortemente presentes no ambiente escolar, onde o fenótipo negro, principalmente o tipo de cabelo e cor de pele são vistos como fora dos padrões de beleza instituída pela sociedade, sendo internalizada pelas jovens como referência de feiúra, levando-as à rejeição e à autorrejeição.

“Durante o período da minha pesquisa, ficou nítido que muitas vezes as pessoas tidas como ‘melhores’ se encarregam de excluir e de categorizar outras pessoas consideradas ‘piores’ em razão de não atender aos seus padrões culturais historicamente estabelecidos, como a beleza estética tendo como referência o padrão europeu, atribuindo assim tratamentos diferenciados. Essa situação nos dá uma noção de o quanto jovens adolescentes negras ainda possuem suas imagens fortemente atreladas ao período da escravidão”, afirma a autora, na conclusão da pesquisa.

O problema não é mercadológico

Procurada para falar sobre o tema, a editora da revista *Atrevida* não se pronunciou até o fechamento desta edição, assim como não respondeu os questionamentos da professora Carolina na época de apuração da sua pesquisa. É sabido que os veículos de comunicação de massa como as revistas *Atrevida*, *Capricho* e outras sobrevivem da publicidade, normalmente de produtos de beleza e moda produzidos por uma indústria que mantém o seu foco num determinado público com poder aquisitivo para consumir essas revistas e adquirir seus produtos.

Conforme descreve a pesquisadora Carolina dos Santos, “as características étnico-raciais do segmento negro da população são mais difíceis de enquadrar no modelo pretendido esteticamente pela revista

para o qual os produtos e os serviços oferecidos pelo mercado, de maneira geral, foram criados”. Segundo ela, a discussão da quase inexistência de produtos específicos para negros e negras no mercado, entendida como resultado de relações de poder socioeconômico e étnico-racial na sociedade, poderia ser uma pauta a ser sugerida para essas revistas femininas. “Existe e é crescente uma classe média negra com poder de consumo, assim como há publicações a exemplo da revista *Raça Brasil*, que está no mercado há algum tempo e prova que o problema não é mercadológico”, acredita.

